



GENERAL SPÍNOLA NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

UM ESFORÇO DE AJUSTAMENTO

Abriram-se as portas e o povo veio para a rua. Abriram-se as portas dum dique tenebroso e a luz dum sol igualitário deu vida às sombras, deu voz aos amordaçados, deu alma e razão às consciências entorpecidas.

Depois da descompressão, uma torrente invadiu o país e apareceram palavras novas que os nossos ouvidos jamais tinham ouvido e surgiram atitudes que mal tínhamos adivinhado, homens e mulheres, gente e não sombras.

Um frémito novo, uma alegria enorme, tomaram o País de norte a sul. Mas será uma alegria verdadeira e total?

Quase cinquenta anos de ditadura deixaram indiscutivelmente a sua marca e, muitas pessoas castradas no pensamento, embotadas na sua sensibilidade, educadas para o desprezo pelos mais humildes, ou estão estremunhadas, de olhos ainda mal abertos, e prontos a entrar num banho purificador e esclarecedor, ou estão de consciência dura e empedernida por atitudes e abusos que cometeram ou em que colaboraram, de costas viradas para a denúncia dum sistema opressor dos homens, dum processo cheio de crimes e de vítimas.

Os bem intencionados, aqueles que até aqui estavam enganados, que muitas vezes, em consciência e em voz baixa, por que falar alto seria arriscado, exprimiam o seu desacordo, embora perdidos na desorientação, na mentira de que a democracia seria a derrota e a ruína, estão a tempo, num rebate de consciência, sem oportunismos, de colaborar e de trabalhar por uma sociedade nova.

Perante estes, os democratas politizados devem estender as mãos, pron-

tos a esclarecer, a construir um país novo. De contrário, com a recusa e a acusação de que só não sabia quem não queria, presente a recordação e mágoa do sofrimento e do sacrifício perante a passividade dos outros, estarão a caminho duma elite defeituosa.

É importante uma tarefa comum de boa vontade.

Nos primeiros contactos, posta de lado a agressividade de uns e a desconfiança de outros, estará aberto o caminho da compreensão. É já habitual deparar com a observação que pode ser honesta, embora dada por uma análise superficial e demasiado fácil dos factos, de se estar, na ânsia de renovação, a cair em excessos. Mas deve fixar-se bem, que excessos, foram os cometidos no regime anterior, sem respeito pelos direitos do homem, causando danos irreparáveis, enormes na sua injustiça, em contraste com os exageros da operação de saneamento, de escolha do trigo e do joio que não afectará, de certeza, os de consciência tranquila, os que não deram a sua adesão a actos abusivos, e se impuseram pelo seu respeito pela dignidade humana.

Será justo também que os acomodados e os indiferentes reconheçam, sem grande esforço, o lugar de destaque que merecem os lutadores da democracia, marcados na sua carne e na de suas famílias, pelas prisões e torturas. Para os que sofreram é de justiça a primeira fila da alegria e da esperança.

Todos seremos poucos e será necessário um grande esforço de ajustamento, para se solidificar um POVO UNIDO e se conseguir a Democracia.

António Gaio



Na passada quarta-feira, na Sala dos Espelhos do Palácio de Queluz, o General António de Spínola foi investido no alto cargo de Presidente da República Portuguesa, para o qual foi designado pela Junta de Salvação Nacional.

No discurso que proferiu depois de ter prestado juramento, o Supremo Magistrado da Nação confirmou o seu firme propósito de dar execução integral ao programa do Movimento das Forças Armadas.

GOVERNO PROVISÓRIO

Na passada quinta-feira, no Palácio de Belém, foi, pelo Presidente da República, dada posse ao Governo Provisório, cuja composição é a seguinte:

Primeiro-Ministro — Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos.

Ministros sem Pasta — Alvaro Cunhal, Prof. Doutor Francisco Pereira de Moura e Dr. Francisco Sá Carneiro.

Ministro da Defesa Nacional — Tenente-Coronel do C. E. M. Mário Firmi- no Miguel.

Ministro da Coordenação Interter- ritorial — Dr. António de Almeida Santos.

Ministro da Administração Interna — Dr. Joaquim Jorge Magalhães Mota.

Ministro da Justiça — Dr. Francisco Salgado Zenha.

Ministro da Coordenação Económi- ca — Dr. Vasco Vieira de Almeida.

Ministro dos Negócios Estrangeiros — Dr. Mário Soares.

Ministro do Equipamento Social e Ambiente — Prof. eng.º Manuel Rocha.

Ministro da Educação e Cultura — Prof. Doutor Eduardo Correia

Ministro do Trabalho — Avelino An- tónio Pacheco Gonçalves.

Ministro dos Assuntos Sociais — Dr. Mário Murteira.

Ministro da Comunicação Social — Dr. Raul Rego.

Foram também criados os cargos de Secretários de Estado dos Assuntos Económicos; das Finanças; do Planeamento Económico; da Indústria e Energia; da Agricultura; do Comércio Externo e Turismo; do Abastecimento e Preços; das Obras Públicas; dos Transportes e Comunicações; da Habitação e Urbanismo; da Marinha Mercante; da Administração Escolar; dos Assuntos Culturais e Investigação Científica; dos Desportos e Acção Social Escolar; de Reforma Educativa; da Saúde; e da Segurança Social; e de Subsecretários de Estado: do Orçamento; do Tesouro; das Pescas; do Ambiente.

Sessão do Movimento Democrático em Espinho

Na sequência do decidido na Reunião Ampla de Democratas de 4-5-74 da qual saiu um comunicado, publicado no nosso último número, realizou-se uma nova assembleia com o fim de dar a conhecer a lista de democratas para a constituição do elenco provisório de administração da Câmara, proposta por comissões «ad hoc» para sancionamento pela assembleia. A sessão foi presidida pelo membro da comissão central do Movimento Democrático Português, Rufino Cunha, que se rodeou de alguns dos membros mais activos do Movimento no concelho, bem assim como de espinhenses de irrefutável prestígio popular, fazendo a devida ressalva a possíveis omissões não intencionadas.

A abrir a sessão o presidente sublinhou o acto de consciência e civismo dos espinhenses ao denunciarem o manobristo da Câmara e pediu reflexão sobre a lista dos nomes propostos, em ordem a um voto consciente.

Seguidamente o Dr. José Manuel Gomes de Almeida deu a conhecer aos presentes a lista dos democratas escolhidos, que não foi vetada, quer na generalidade quer na especialidade, por qualquer membro da assembleia.

Em seguida e como segundo ponto da ordem dos trabalhos foi aberto o debate para o esclarecimento das directrizes do Movimento Democrático Português, segundo propostas aprovadas já pelo plenário distrital de Aveiro. A leitura dos objectivos foi interrompida pelas manifestações de aclamação pelo objectivo primordial: Fim da Guerra Colonial.

Rufino Cunha referiu as directrizes do Congresso de Abril-73 quanto à administração das autarquias locais após o que Pinto de Matos, Gomes de Almeida e ainda Pereira Vingada deram a conhecer os seus pontos de vista sobre o papel que lhes acabava de conferir a assembleia.

Entrou em seguida na Mesa uma moção pedindo o apoio de todos, à comissão provisória, que foi aprovada por aclamação unânime.

Comissão Provisória eleita para a Câmara:

António Pinto de Matos (médico), Rinaldo Ribeiro da Costa (arquitecto), Artur Pereira Bártolo (proprietário), Augusto Marinho Mota (empregado de escritório), António Ferreira Gaio (empregado bancário). Além destes cinco ele-

(Continua na pág. 2)



SEM ANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO
ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA
CARLOS SARRIAPROPRIEDADE
EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

FIM DE SEMANA . 51

1. Ora pois não faltei à chamada no dia 6 de Abril do ano da graça de 1974 a ver o festival eurovisivo da canção. E vi. E ouvi. Igual ao litro. Assim a merecer certo relevo umas seis. Das seis nenhuma ganhou. A coisa foi para os suecos que foram com ar de gozo, com o seu «Waterloo», o seu maestro vestido à Napoleão. Foram gozar a malta e ganharam, porque o júri estava ali mesmo para ser gozado. Já se dizia, aliás, na imprensa que era uma grande candidata. Lá como cá. Igual ao litro. Onde está o mérito da canção para ganhar? Não lho topei. Mas topou o júri, que esse é que sabe destas bazungas. E não é por alergia a conjuntos ou música pop, porque gostei a valer das canções de Israel, da Jugoslávia, da Grécia, da Alemanha. Das que me pareceram dignas de apreço só uma se aproximou da Sueca — a italiana.

Gostei da preocupação da nossa T.V. com a alteração ao regulamento à última hora. Pois claro, tem muita razão, Senhora Locutora na figuração de voz de *seu amo*; aquilo não se fazia prepotentemente, sem ouvir os parceiros, a modos de Ditadura. Alterar sobre a hora o sistema de votação sem ouvir os interessados. E acontece aquilo na democracia Inglaterra. Ora vejam só. E ainda os ingleses andam por aí a dizer mal das grécias e de nós. Parece que estivemos, até, como protesto para deixar o festival. Mas como os preparativos estavam adiantados, etc., etc., ficamos. Pois mais uma vez a T. V. errou; devia ter saído mesmo do festival: ao menos tinha a cobrir a retirada o pretexto do protesto e não enfiava o barrete que encarapuçamos.

O Artur Agostinho, com voz de fantasma telefónico (ou não estivesse na terra dos castelos enfeitados) também estava muito preocupado com os torvos desígnios que estavam por detrás daquela modificação da última hora; aquilo cheirava a trapaça. Só os alemães talvez tenham razão de se queixar, que tinham uma canção gira e ficaram na posição bera em que nós ficamos.

Não foi por isso, não senhor, que ficamos na cauda do cortejo; nem por forças malignas. É que levamos a canção que, das dezoito, era a musicalmente mais interessante, o público deu palminhas, muitas palminhas, o homem defendeu bem a canção, etc., mas não era para festival. Para festival é preciso barulho, impacto, ritmo fácil e corrente. Quanto mais barulho melhor, como se viu da escolha e daquela fantástica anedota da Espanha arranjar tantos votos com uma canção tão pobre, mas com tanto salero, tanta genica, tanto estardalhaço a encobrir os remendos da roupa de baixo.

Venceu «Waterloo». Só lá faltou Cambrone para definir o festival como só ele saberia com a palavra justa.

2. «O ovo» podia ser um bom espectáculo (e talvez o seja na versão original); tal como a galinha cá da capoeira o pôs, embora cheio de intenção, não teve a coragem de avançar em demasia e ficou por meio caminho. Se assim não fosse, ficava na poeira dos arquivos da censura. Esta história dos que vivem bem instalados no sistema, ou seja, na sociedade estabelecida, transigindo com todos

os princípios do sistema e com toda a imoralidade e corrupção dos princípios da sociedade estabelecida (isto é, dentro do ovo), enquanto os que não transijam esvoaçam em torno do ovo, não têm acesso a ele, e vivem na cepa torta, tem real interesse; só que há diversos ovos dentro uns dos outros, para os diversos graus de transigência com os princípios e a moral estabelecida, e só, realmente, atingem o suprassumo do bem-estar os que conseguem entrar e instalar-se no ovo central; podre, mas bom.

Ressente-se a versão portuguesa, parece-nos de se ter querido adaptar a obra a um actor consagrado na farsa, mas que não entra no ovo do teatro, adaptando-se ao personagem criado pelo autor, antes exigindo que a obra vá ao encontro dele, dos seus recursos, dos seus processos. Refiro-me a Raul Solnado. Sem dúvida um grande nos palcos de farsa, mas sempre igual a si próprio, sempre revisteiro, e recorrendo a golpes baixos para satisfazer a plateia, como, nesta peça, a repetição de um mesmo gesto de significado pornográfico, totalmente dispensável, se não fora a necessidade de alegrar a galeria que ri a bom rir; (para isso não havia censura; porco, não faz mal; o que é preciso é não ter ideias) a linguagem livre já se suporta, pois cai dentro das reacções da personagem e contribui para caracterizá-la.

É pena que Solnado tenha cristalizado nos mesmos processos, que tenha querido adaptá-los a personagens criadas para um actor, em vez de exigir que o actor as crie para si. O êxito fácil da repetição seduz, justamente porque é fácil, dá dinheiro, e encontra sempre público; mas outro público vai-se cansando e deixando de achar-lhe graça. É, repetimos, é pena, porque parece-nos que Solnado terá recursos para ir mais longe e tornar-se um grande actor.

Que o espectáculo foi preparado só para ele, vê-se pela escolha da obra, em que, praticamente, há um só personagem — ele — que conta a história da sua vida, ilustrando-a em certas passagens com a representação de certos episódios que evoca; por isso mesmo os demais actores são simples satélites, quase rabulistas, que não precisam de ser de grande craveira (e alguns por acaso até são maus). O espectáculo, bem montado e decorado, é apenas Solnado, o Solnado de sempre, que até tem de fazer um telefonema, embora breve, usando eternamente os mesmos processos, os mesmos esgares, os mesmos gestos, o mesmo movimento de corpo, os mesmos tons de voz.

Perante a idolatria que ainda vejo nas maiorias das plateias por aquele, aliás e inegavelmente bom actor de farsa e revista, sinto-me neste momento perdido pelo que escrevi do ídolo, sinto-me o garoto a gritar «O Rei vai Nu».

VASCO LUIS

Nota — Este artigo foi escrito em meados de Abril; fizemos-lhe agora leves acrescentos para o aproveitar, já que o tempo não nos sobra para compor novo texto. Hoje teria tido outra redacção.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877

ESPINHO

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41.1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

SESSÃO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO

(Conclusão da 1.ª pág.)

mentos ficariam a colaborar mais 6 pessoas, que foram votadas em conjunto, e que são:

Tomás de Sousa (agente técnico), Eugénia Loureira (professora primária), José Pereira Vingada (empregado de propagação médica), Vasco Serra (empregado comercial), Álvaro Padrão (industrial) e José Manuel Gomes de Almeida (médico).

Foram ainda abordados problemas referentes a sindicalismo, movimento de mulheres democratas, posição a tomar face à guerra Colonial, problemas relacionados com: Urbanismo, Habitação, a Criança, problemas esses que serão objecto de outras reuniões e colóquios a realizar na Sede do Movimento.

Maria Emília Correia referiu a sua alegria de, como mulher e militante democrata, vir a encontrar um local em Espinho que apenas conhecia como retábulo da cretinizante forma de constituição de família segundo a ideologia do fascismo, como local para debate dos problemas da vida da cidade e, ainda, o papel do teatro como arma apontada às mentalidades reaccionárias.

A fechar a sessão, Rufino Cunha, frisou o carácter provisório e moderador da Comissão que apenas poderá prometer justiça na arbitragem das questões administrativas, resolução dos mais urgentes problemas gerais e incentivação à participação de todos nos problemas de todos para que cada um venha, em tempo, a proceder a uma eleição justa e democrática dos seus verdadeiros representantes. Pediu também que todos revissem os seus preconceitos contra o «Povo», e contra os jovens já que aquele é a raiz da força democrática e estes as fundações de uma sociedade nova.

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de folhas 111 verso a 113 do livro de notas para escrituras diversas A-Número 36 deste cartório notarial de Espinho, MARIA PINTO DA SILVA MARTINS dividiu a sua quota de 50 000\$00 que possuía na sociedade comercial «FERREIRA & BAPTISTA, LIMITADA», com sede em Espinho, R. Vinte e Seis, número 428, em duas, uma de 32 500\$00 que cedeu a JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS e outra, de 17 500\$00 que cedeu ao seu consócio ANÍBAL CARVALHO BAPTISTA, renunciando, em consequência, às suas funções de gerente.

E que, unificada a quota do Aníbal Carvalho Baptista foi dada nova redacção aos artigos quarto, quinto, sexto, oitavo, nono e décimo terceiro, assim:

QUARTO — O capital social é de 65 000\$00, já integralmente realizado em dinheiro, dividido em duas quotas iguais de 32 500\$00 pertencentes a cada um deles sócios, Joaquim Ferreira dos Santos e Aníbal Carvalho Baptista.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração especial, conforme for deliberado em assembleia geral, fica afecta a ambos os sócios, Joaquim Ferreira dos Santos e Aníbal Carvalho Baptista.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os gerentes poderão delegar os seus poderes, por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

SEXTO — Os actos de mero expediente poderão ser praticados por qualquer dos gerentes; porém, para obrigar a sociedade, é necessária a assinatura de ambos os gerentes, em conjunto, salvo se a responsabilidade contratual for inferior a vinte mil escudos, que poderá ser assinada só pelo sócio Joaquim Ferreira dos Santos.

OITAVO — Anualmente e com data de trinta e um de Dezembro será dado balanço à actividade da sociedade; dos lucros obtidos, cinquenta por cento pertencerão ao sócio Joaquim Ferreira dos Santos e cinquenta por cento pertencerão ao sócio Aníbal Carvalho Baptista, depois de deduzidos cinco por cento para fundo

SOB O SIGNO DA LIBERDADE

A Liberdade é intraduzível. Há conceitos filosóficos sobre a sua essência, mas não há palavras que a expliquem e a definam.

Platão dizia que a Liberdade era «dar a cada um aquilo que lhe era próprio. Friedrich Engels num conceito dialéctico proclamava que a Liberdade era o conhecimento da necessidade». Mas a Liberdade encerra em si algo mais que ultrapassa a matriz filosófica contida naqueles conceitos.

Já decorreram mais de uma dezena de anos em que, à mesa de um café de Lisboa, dizia a mim e a Américo de Miranda Raposo, o nosso colega de trabalho, Francisco Luís Maria, «você que são bastante mais novos que eu, poderão ter lido muito, poderão ser mais cultos que eu, mas não sabem nem conhecem o que é a Liberdade. Quando estive exilado em França, assisti em Paris, isto nas vésperas da guerra civil em Espanha, à chegada de Moscovo, dos restos mortais do escritor francês Henry Barbusse, que havia falecido pouco antes, e quando visitava aquela cidade. Não há palavras que traduzam a manifestação prestada pelo povo francês. Era uma nação livre, no uso pleno da Liberdade, que vinha demonstrar todo o seu reconhecimento pelo Homem que das trincheiras da primeira guerra mundial, substituiu a espingarda pela pena, nunca abandonando a luta pela Liberdade».

Esta palavras calaram fundo na minha memória. Mas, com o decorrer dos anos e com a frustração de algumas tentativas para instaurar neste País um regime democrático, foram-se desvanecendo do meu espírito. E de repente, mais precisamente no dia 1 de Maio de 1974, elas acorrem-me de forma vibrante e apoteótica. Eu ouço-as e sinto-as, como se ainda estivesse sentado hoje, naquele dia «anónimo» à mesa de um café. Meu saudoso amigo que pena eu tenho de não te ver ao lado dos vivos nesta tarde de 1 de Maio de 1974, a conduzir pelo teu braço a tua noiva, a Liberdade, por quem tanto sofreste e tanto amaste, com um cravo vermelho no peito e acompanhado pelo Povo para o altar da Pátria. Como te sentirias feliz.

Como dizia aquele meu amigo, a Liberdade, é intraduzível. Não é platónica, só se a conhece, vivendo-a. Porque a Liberdade é a saúde do Povo.

A Liberdade não aceita discriminações, nem de raças nem de classes. A Liberdade não admite opressões nem sistemas políticos monolíticos, porque ela é a expressão válida dos anseios do Povo na sua marcha para a conquista suprema de um Mundo de Paz e de Fraternidade.

Álvaro Baptista

de reserva legal e vinte por cento para fundo de investimento. Em qualquer altura e por deliberação unânime dos sócios, tomada em assembleia geral, o fundo de investimento poderá ser diminuído ou aumentado.

NONO — A sociedade dissolve-se nos termos legais.

DÉCIMO TERCEIRO — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

ESTA CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 14 de Fevereiro de 1974.

O Ajudante do Cartório
José dos Santos Sil

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

JUNTA DIRECTIVA PROVISÓRIA NO LICEU DE ESPINHO

Realizou-se no passado dia 10 e em instalações do Liceu, um Plenário de Alunos, Professores, Pessoal Administrativo e Auxiliar, para se tomarem decisões colectivas quanto à crise interna que o 25 de Abril veio ajudar a precipitar. Durante essa reunião, realizada aliás na sequência de outras reuniões preparatórias, quer de Alunos, quer de Professores, procedeu-se ao apuramento final dos Professores que irão encabeçar a Junta Directiva Provisória que substituirá o actual Reitor, cuja demissão foi considerada imprescindível. Para a determinação da Junta, que ficou constituída por cinco Professores, cinco Alunos, um Funcionário Administrativo e dois representantes do Pessoal Auxiliar foram apresentadas, pelos quatro grupos de trabalhadores que exercem as suas actividades no Liceu, listas de Professores mais votados, sendo os cinco Alunos eleitos entre os dirigentes da Associação de Estudantes.

Aguarda-se a ratificação de todo o processo pela Junta de Salvação Nacional para que a Junta comece os seus trabalhos de forma a dinamizar toda a vida do Liceu.

ORFEÃO DE ESPINHO

Está em pleno movimento a ideia de fazer renascer o Orfeão de Espinho, como há algum tempo aqui noticiamos. No próximo dia 25, no restaurante da Piscina, realizar-se-á um jantar-serão, cujas inscrições estão abertas na «Casa Clóris» no ângulo das ruas 14 e 19. No dia seguinte, domingo, pelas 11 horas, haverá uma missa em sufrágio dos antigos orfeonistas falecidos, finda a qual se efectuará uma romagem ao cemitério.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 7 a 14-5-74

Internamentos gerais	50
Exames Radiográficos	66
Crianças nascidas	18

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Oftalmologia	1
Obstetrícia	1
Cirurgia	10
Ortopedia	1
Otorrino	9
Urologia	3

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	147
Mulheres	109

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Manuel Francisco Oliveira, de Riomeão, para Medicina; Ana Maria Sousa Martins de S. Félix da Marinha, para Cirurgia; Maria José Vasconcelos Tamagnini Barbosa Couto, de Espinho, para Obstetrícia; Romilde Silva Vilares, de Espinho para Obstetrícia; Miguel Pereira Pais de Matos, de Espinho, para Medicina.

Empregada doméstica

Precisa-se de 30 a 40 anos para casal no centro de Espinho.

Bom ordenado.

Exigem-se referências.

Resposta ao n.º 53.

AGRADECIMENTO

D. LEONOR DA SILVA BAPTISTA
DE OLIVEIRA

Seu marido e filho agradecem a todas as pessoas que os acompanharam no transe doloroso que sofreram quer incorporando-se no funeral quer participando na Missa do 7.º Dia.

MOVIMENTO SINDICAL

Na passada sexta-feira, 10, na sede do Sporting Clube de Espinho, houve uma Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Transformação de Matérias Plásticas e Similares do Distrito de Aveiro. No quase milhar de operários presentes avultavam os de S. João da Madeira e de Espinho. Os elementos que compunham a Direcção solicitaram a sua demissão decidindo a Assembleia constituir uma Comissão composta por dois operários por cada firma ali presentes, à qual competirá nomear uma Comissão Administrativa para futura eleição de novos Corpos Gerentes.

ENQUANTO HOVER UM VEÍCULO A MÃO, O ROUBO CONTINUA

Não param os roubos de veículos e entre 6 e 12 deste mês foram roubadas três bicicletas motorizadas e um automóvel ligeiro. Este era portador da matrícula HH-63-08, tendo sido furtado ao seu proprietário, José Alves da Silva, que o tinha estacionado frente a sua casa na rua 28, n.º 1087. Duas motorizadas foram levadas, do local do seu estacionamento, nesta cidade, uma na rua 8, com a chapa 2-OVR-50-63, pertencente a António Álvaro de Oliveira Santos, residente em Outeiro, Maceda, Ovar, e outra na própria residência do seu titular, sr. Erlander Gomes da Silva Godinho, na rua 33, n.º 280, que tinha a matrícula 1-ESP-09-51, e que foi posteriormente localizada. A terceira que Bernardino Alves Pereira, de Formil, Silvalde, registara com o número 1-ESP-56-55, desaparecera de Loureiro, vindo a ser encontrada perto da Estação do Vale do Vouga, em Oleiros.

Vamos colaborar

Na conferência de Imprensa dada ultimamente pelo Dr. Vasco Vieira de Almeida, delegado da Junta de Salvação Nacional junto do Ministério das Finanças, referiu aquela individualidade diversas medidas a tomar, tendo em vista a actual conjuntura económica portuguesa, entre as quais salientamos:

— Atacar desde já toda a tentativa de subida de preços.

— Vai ser reforçada a acção da I. G. A. E. que terá a colaboração, nas cidades e vilas, da P. S. P. e G. N. R. *Pede-se a colaboração integral dos consumidores.* A fiscalização intensiva far-se-á para evitar que

UM DONATIVO

O Comandante do Posto da G. N. R. em Espinho acaba de nos entregar a quantia de Esc. 300\$00 que uma anónima de Rameiro, Guetim quis oferecer-nos para obras de caridade. Desde que nos não sejam dadas instruções em contrário, acresceremos esta importância às que temos recebido para a nossa campanha de «Casas para os Pobres».

PROGRAMA DE TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO DOS SERVENTUARIOS DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ESPINHO

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte comunicação:

O Pessoal dos Serviços Municipalizados de Espinho, em Assembleia Geral Plenária, deliberou por unanimidade o seguinte:

I — Constituir a Associação dos Serventuários dos Serviços Municipalizados de Espinho, para a qual elegeram em sufrágio secreto uma Comissão directiva com poderes representativos de todo o pessoal.

II — A Associação agora criada terá como missão o seguinte:

a) Apoiar e tomar parte activa na elaboração do futuro Sindicato da classe;

b) Ser o porta-voz e defensor dos trabalhadores em geral destes Serviços Municipalizados, junto da Administração, fazendo todos os esforços para que seja resolvido urgentemente o problema, que se considera prioritário, dos critérios de fixação de vencimentos e salários aos serventuários, que como se sabe perfeitamente, se encontram numa situação económica verdadeiramente desesperada;

c) Pugnar para que se acabe com

produtores e armazenistas aumentem os preços.

— Quanto à inflação: o dr. Vasco Vieira de Almeida afirmou que ela se não destrói, combate-se, controla-se, mas todos vivemos com ela. Que todas as medidas contra a inflação têm de ser globais a nível orçamental, fiscal e de preços e controlo da massa monetária.

Aos consumidores — todos nós — pede-se a colaboração. Pois, a bem da sociedade onde nos integramos, vamos colaborar, denunciando as fraudes e os abusos, visto que chegou a altura de se afirmar: já chega!

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Maio de 1974, lavradas de folhas 81 a 82 do livro de notas para escrituras diversas A-Número 37, deste cartório notarial de Espinho, a sociedade comercial por quotas sob a firma «J. L. MARQUES, LIMITADA», com sede e estabelecimento do Largo da Graciosa, número 37, desta cidade de Espinho, transferiu a sua sede e estabelecimento para a Rua Pinto de Aguiar, número 207, em Vila Nova de Gaia.

E que foi alterado o artigo primeiro do respectivo pacto social, cuja redacção passa a ficar sendo como segue:

Artigo primeiro — A sociedade adota a firma «J. L. MARQUES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Pinto de Aguiar, número 37, em Vila Nova de Gaia, durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde um de Março de 1970.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 14 de Maio de 1974.

O Ajudante do Cartório
José dos Santos Sil

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Hoje e amanhã — GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO — Rua 62 — Telef. 920092.

CINEMA

S. PEDRO

Hoje, sábado, 18 — JUSTIÇA DE CAHILL, com John Wayne.

Amanhã, domingo, 19 — CUIDADO COM AS CURVAS, com Reg Varney e Doris Hare — 18 anos.

Terça-feira, 21 — AS FOTOS PROIBIDAS DE UMA PESSOA DE BEM, com Dagmar Lassander e Susan Scott — 14 anos.

Quinta-feira, 23 — MALPERTUIS, com Orson Welles e Susan Hampshire — 18 anos.

Sexta-feira, 24 — QUEM DISPARA PRIMEIRO, com Montgomery Wood e Magda Konopka — 10 anos.

a discriminação de classes. Repudiando a designação de pessoal maior — pessoal menor, por se entender que o pessoal é todo igual, pois trabalha todo para o mesmo fim, consequentemente com direito a regalias e deveres absolutamente iguais;

d) Esta Associação depois de resolvidos os problemas que agora se consideram prioritários, terá então uma missão Educativa, Cultural, Recreativa e até Desportiva junto do pessoal.

III — Pedir à Administração destes Serviços uma sala de convívio, onde o pessoal possa reunir, fora das horas de serviço, discutindo aí, civicamente os problemas que o aflige;

IV — Manifestar o seu apoio incondicional à Junta de Salvação Nacional e informá-la que o pessoal se encontra no firme propósito de cumprir os comunicados dela imitados, nomeadamente no respeitante ao horário das suas reuniões, fora das horas de serviço e no respeito a ter pelas hierarquias, para não dificultar a boa marcha do mesmo serviço.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Paulo Alexandre, filho de José Azevedo Peres Bizarro e de D. Rosa Pereira da Cruz;

Pedro Jorge, filho de Joaquim da Cunha e Sousa e de D. Maria de Lourdes Pedro Morgado da Cunha e Sousa;

Carlos Manuel, filho de Manuel Monteiro da Costa e de D. Margarida Laurentina da Conceição Mano;

Ana Isabel, filha de António Rodrigues da Silva e de D. Maria Filomena de Oliveira Gomes;

José Miguel, filho de Armando de Carvalho e de D. Maria Adelaide Rodrigues de Carvalho.

CASAMENTOS

Na Igreja de Anta, Domingos Gonçalves de Oliveira com D. Elisabete Marina Praça Couto;

Na Igreja de Espinho, Joaquim Rodrigues dos Santos com D. Maria de Fátima Rodrigues de Almeida Santos;

Na Igreja de Paramos, José Maria Rodrigues Pereira com D. Maria Alice de Albuquerque e Vasconcelos Rodrigues Pereira;

Na Capela da Praia da Aguda, Manuel Pereira de Oliveira com D. Maria Isabel Reimão de Resende.

FALECIMENTOS

Em Silvalde, faleceu D. Guilhermina Rodrigues Romeira da Rocha, de 70 anos, casada com Delfim Alves da Rocha.

Também em Silvalde, faleceu Miguel Pereira Guedes, de 68 anos, viúvo de D. Maria da Silva Couto.

MANUEL VICENTE PINTO DE SOUSA

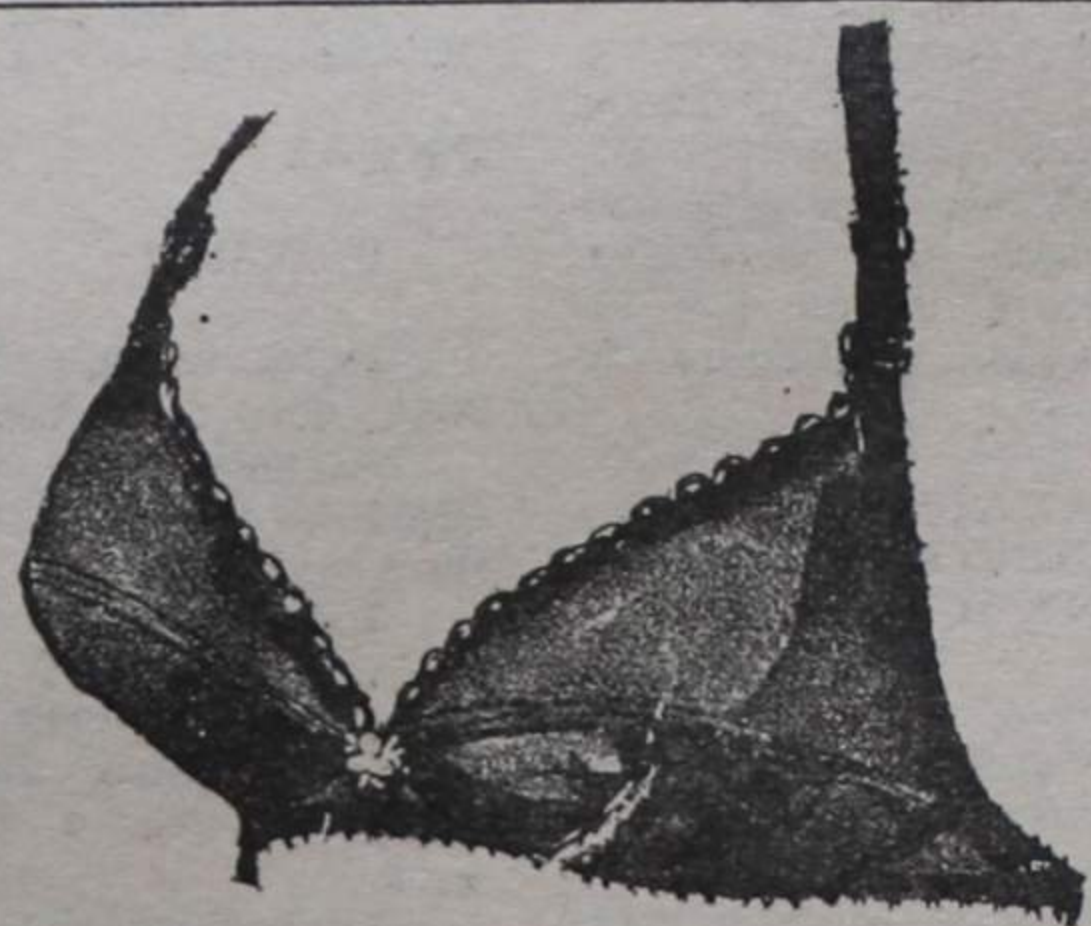
No passado dia 11 faleceu no Porto Manuel Vicente Pinto de Sousa, filho do Dr. Manuel Vicente Pinto de Sousa (já falecido e que foi médico em Espinho) e de D. Delfina Cardoso de Sousa, casado com D. Maria Felicidade de Araújo da Silva, irmão de D. Maria Manuela Queirós, Dr. Francisco Vicente de Sousa, António Nuno Pinto de Sousa e Mário Pinto de Sousa (ausente no Brasil e antigo redactor da «D. E.»).

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.^a

A NOSSA CAMPANHA ELEITORAL
APRESENTAMOS O NOSSO CANDIDATO E O SEU PROGRAMA

V
O
T
O
E



V
O
T
O
E

SR. GENEROSO SOUTIEN

O ÚNICO CUJA POLÍTICA

- Garante a mesma protecção para os da direita, como para os da esquerda!
- Permite a elevação dos pequenos e não deixa baquear os grandes!
- Valoriza a juventude e dignifica a velhice!
- Não oprime os fracos, nem dá largas aos fortes!
- Tanto ampara uns como os outros!
- Oferece as mesmas condições de habitação para todos!
- Visa incentivar e desenvolver o mais perfeito patriotismo!

NOTA DO AUTOR:

Durante a última campanha eleitoral (?) para deputados, em Outubro de 1973, pretendemos apresentar os SAL...PICOS acima.
A censura de então (apelidada de exame prévio), e apesar de se estar em plena campanha eleitoral, cheia de liberdades (apregoavam), após o carimbo PROIBIDO, embora ainda agora estejamos para saber onde estaria o mal desta despreziosa graça.
A não ser que o nosso candidato pudesse prejudicar os semi-eleitos de então!

PORTA ABERTA

Senhor Director,

Vimos junto de V. Exa. pedir o favor de publicar o que abaixo descrevemos.

NÓS LAMENTAMOS...

Como toda a gente sabe, existem na nossa cidade dois Corpos de Bombeiros, QUE SÃO VOLUNTÁRIOS, e dum dos quais fazemos parte.

Somos solicitados para os mais diversos serviços e em todos eles procuramos fazer o nosso melhor, empregando e esgotando para isso todo o nosso esforço e boa vontade; isto passa-se com qualquer bombeiro, seja qual for a Corporação a que pertença. No entanto, por vezes, no local de serviço e após alguns dias ouvimos certos comentários de determinadas pessoas que nos magoam profundamente.

Em face do que muitas vezes ouvimos, chegamos à conclusão que muitos indivíduos que de conversa

julgam saber muito sobre serviço de bombeiros e então nós, elementos do corpo activo de uma Corporação de Bombeiros, fazemos aqui um convite a esses indivíduos, ou seja, inscreverem-se numa Corporação de Bombeiros a fim de porem em prática os conhecimentos que porventura se possam aproveitar e aprenderem aquilo que não sabem.

Agora também nos cabe o direito de perguntar. Será que muitos desses indivíduos já fizeram alguma coisa em prol do seu semelhante? Será que alguma vez ajudaram os Bombeiros?

Queremos deixar aqui bem expresso a esses comentadores que, apesar de tudo, quando precisarem dos nossos serviços acorreremos o mais depressa possível, porque a divisa VIDA POR VIDA manda e nós procuramos cumprir, o que em consciência temos vindo a fazer.

UM GRUPO DE BOMBEIROS DOS
VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

Boutique Jenny

Artigos Nacionais
e Estrangeiros

Rua 20 n.º 502 — ESPINHO

J. PINHEIRO DE MORAIS

Médico

Clínica Geral — Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

ENTREVISTA

A Banda da Música de Espinho justifica e necessita de apoio,
disse-nos Vitor Silva, presidente da Direcção

No último número da «DE» noticiava-se que iria sair para a rua uma comissão angariadora de fundos para a BANDA DE MÚSICA DE ESPINHO, porquanto aquele agrupamento musical precisava, urgentemente, de renovar os fardamentos dos seus componentes.

A notícia despertou-me a atenção, tanto mais que, já há tempos, me haviam falado das dificuldades materiais da Banda, e resolvi saber como era, pois, mais do que nunca, estamos numa época propícia ao diálogo aberto, capaz de ajudar a compreender muitas coisas e a permitir que se digam muitas outras.

Daí, portanto, este frente-a-frente de hoje com Vitor Manuel dos Reis e Silva, a pessoa que nos pareceu indicada para o diálogo, considerando a sua posição de Presidente da Direcção da Banda de Música de Espinho.

— Quantos anos tem a Banda de Música de Espinho?

— Pois, embora poucos saibam, tem a linda idade de 133 anos, já que foi fundada em 1839 e, por conseguinte, é a Colectividade mais idosa de Espinho. Todavia, quero acrescentar que a Banda foi fundada em Moselos-Feira, por José Alves Neves, pai do saudoso maestro Joaquim Alves de Sousa Neves e avô dos não menos saudosos maestros Fausto Neves e Ilídio Neves, estes ainda na memória de muitos espinhenses contemporâneos, tendo inicialmente a designação de Banda de Música Soqueiro. Em 1920 o fundador cedeu a direcção e a regência do conjunto musical a seu filho Ilídio, dado o seu aprumo e competência, e em 1926 a Banda ficou na pendência da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho, deixando de se designar de Soqueiro para se chamar de Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Espinho e, mais tarde, de Banda de Música de Espinho, embora continue agregada à Humanitária Associação.

— Dependendo dela?

— Não, não. Apenas nos é cedida a sede, precisamente no edifício contíguo ao quartel, todavia, de resto, a nossa existência é completamente autónoma em todos os aspectos, apesar de, seguidamente à nossa designação, continuarmos a acrescentar Bombeiros Voluntários de Espinho. Administrativamente vivemos à parte, nenhum auxílio recebendo dos Bombeiros que, aliás, já têm dificuldades mais do que suficientes na sua manutenção e, portanto, temos corpos gerentes próprios.

— E de que vive a Banda?

— Sobretudo de alguns subsídios, substancialmente da carolice de alguns, como também de parte do produto líquido das actuações e, pouco, pouquíssimo, duma massa associativa de 70 associados, com quotas de 2\$50 e 5\$00, que dão um rendimento mensal de aproximadamente 300\$00!

— Todavia, as entidades locais, como Câmara, Comissão Municipal de Turismo e, até, entidades privadas, como por exemplo o Casino, auxiliam?

— Vamos por partes. Auxílio efectivo, apenas da Câmara, com um subsídio anual de 5 mil escudos agora, pois anteriormente era de metade. Da Comissão Municipal de Turismo nada recebemos e, ainda recentemente, pus a questão, contudo sem obter a devida compreensão. Do Grémio do Comércio de Espinho, sim, recebemos, anualmente, uma boa ajuda e do Casino apenas temos recebido, e nem sempre, umas dádivas quando da abertura daquele, por lá irmos fazer uma saudação musical.

— Mas, por exemplo, relativamente ao desconhecimento por parte do Turismo local, a Banda não é uma Colectividade que propaga Espinho?

— Claro que é. As terras onde se

desloca leva o nome da nossa terra, inclusive a Espanha onde, por norma, nos deslocamos anualmente meia dúzia de vezes. Além disso, perdoe-se-me a vaidade, a Banda é um dos bons conjuntos do género aqui no norte, tendo-se sabido impor e conquistado prestígio e, por isso, somos bastante requisitados para actuações. Torna-se, portanto, incompreensível que não obtenhamos algum auxílio da entidade em questão, dado que fazemos boa propaganda do nome da nossa terra e se conhecem as dificuldades com que lutamos, por isso só se pretende atenção igual à dispensada a quem, fazendo muito menos, tem melhor sorte.

— Qual é o montante de despesas anuais da Banda?

— Orça, no tocante a despesas normais, aproximadamente por 60 contos.

— Quem ganha na Banda?

— Vencimento, apenas tem o regente, pois usufrui de ordenado mensal fixo. Os músicos, esses ganham uma percentagem extraída do produto das actuações, de cujo lucro líquido se retira 10 por cento, para as despesas da Colectividade.

— E as actuações rendem muito?

— São variáveis, todavia, numa festa talvez, em média, arrecademos 9 contos, claro valor ilíquido.

— E músicos não têm faltado?

— Infelizmente faltam. Temos 33 a 38 componentes, contudo há falta de elementos e, para o lugar de quantos abandonam, não aparecem outros, pois as solicitações da vida actual levam-nos. Já temos tido necessidade de recorrer a reforços de fora para podermos apresentar-nos.

— Contudo, estão fazendo alguma coisa para obviar isso?

— Claro que sim, pois o nosso regente, possuidor do curso da Gulbenkian e na realidade pessoa bastante entusiasmada, dirige uma escola na nossa sede, funcionando três vezes por semana, para quantos queiram aprender e integrar-se na Banda. Contudo, deve-se afirmar que as adesões são pouquíssimas, deixando-nos apreensivos quanto ao futuro.

— Ora bem, parece que vai vir para a rua uma comissão angariadora de fundos para fardamentos, não é assim?

— Realmente é verdade, pois precisamos de 40 a 50 contos para vestir a Banda, porquanto os fardamentos actuais já não estão em condições e o conjunto tem de se apresentar condignamente, dentro e fora da sua terra, e do seu país até, para seu prestígio e de Espinho.

— Acha ser à população local com tantos e variados pedidos que compete esse auxílio?

— É evidente que, substancialmente, não, no entanto espero a boa compreensão das nossas gentes e do seu bairrismo para auxiliarem uma Colectividade da terra que trabalha em prol de Espinho. Naturalmente que, sobretudo, esperamos o auxílio das entidades competentes, do comércio e indústria, como da Solverde, considerando os propósitos da sua criação e finalidade.

— Por último, a Banda não se exhibe em Espinho com regularidade. Porquê?

— Simplesmente por não haver local próprio para tanto, pois, se assim acontecesse, certamente que aos domingos, e até à semana à noite, a Banda daria regularmente concertos, cujo interesse e valor me escuso de realçar, em função de um melhor conhecimento e divulgação da música, sabendo-se, como se sabe, o papel valioso e altamente positivo que, no nosso País, têm tido em tal campo as bandas de música como a nossa.

Aqui fica o depoimento do Presidente da Direcção da Banda de Música de Espinho e sobre ele tirem-se as conclusões devidas, sem se esquecer que a música é uma forma valiosa de cultura e um bom conjunto musical prestigia e propaga Espinho à terra onde é.

C. S.

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 - 311991 - 381032

PORTO



CRUDASPINHO — Sociedade de Empreendimentos Turísticos S. A. R. L. — ESPINHO —

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
EXERCÍCIO DE 1973

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de submeter à apreciação de V. Exas. o Balanço e Contas relativos ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1973.

Decorreu o prazo de cinco anos pelo qual nos foi adjudicada a concessão da zona de jogo temporário de Espinho.

Perfeitamente conscientes de que satisfizemos rigorosamente todas as obrigações que nos foram impostas pelo contrato celebrado em 30 de Junho de 1969 e que superámos folgadoamente as exigências previstas no mesmo para a remodelação e conservação das instalações e equipamento do Casino, temos com a satisfação que resulta do cabal cumprimento dos nossos deveres a grata certeza de que, beneficiando consideravelmente a região onde se exerceu a nossa actividade, defendemos sobretudo os interesses do turismo nacional.

Podemos efectivamente afirmar que pela nossa constante apresentação de melhores e sempre actualizadas diversões, pelo aspecto cuidado e confortável conseguido para as instalações à nossa disposição e com a intensiva propaganda da zona turística em que nos situamos, se obtiveram resultados expressivamente positivos no fomento da corrente turística em favor da cidade de Espinho, chamando igualmente ao seu Casino um número incessantemente multiplicado de frequentadores nacionais e estrangeiros.

Desta situação favorável laboriosamente criada, também a nossa empresa logrou múltiplas vantagens traduzidas nos Resultados do Exercício de 1973 agora apurados e que atingiram a verba de Esc. 13 341 351\$82. Este lucro líquido somado ao saldo do exercício anterior totaliza a importância de Esc. 13 375 029\$40 para a qual, firmando-se a nossa sólida situação financeira, propomos a seguinte distribuição:

5 % sobre 13 341 351\$82 para o Fundo de Reserva Legal	667 067\$60
Reserva Especial	12 700 000\$00
Saldo para a Conta Nova	7 961\$80

13 375 029\$40

Ao Exmo. Conselho de Inspecção de Jogos manifestamos uma vez mais o nosso grato reconhecimento pela compreensão que sempre demonstrou quando surgiram problemas cuja solução dependeu da sua superior competência.

Agradecemos a útil e leal colaboração que nos foi prestada pelo nosso Conselho Fiscal.

A todo o pessoal que dedicadamente desempenhou as suas funções aqui consignamos a nossa gratidão.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O Presidente: *Francisco Batista Russo*
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

<i>Disponível</i>		
Caixa e Bancos	42 991 131\$80	
Valores Selados	464\$10	
Total Activo Disponível		42 991 595\$90
<i>Realizável</i>		
Devedores	30 882\$40	
Inventários (existência)	118 639\$60	
Total Activo Realizável		149 522\$00
<i>Gastos Diferidos</i>		
Depósitos em Garantia		5 000\$00
<i>Contas de Ordem</i>		
Taras Alheias		2 202\$00
TOTAL ACTIVO		43 148 319\$90

PASSIVO

<i>Exigível a Curto Prazo</i>		
Credores	484 518\$20	
Imposto a Pagar	1 500 000\$00	1 984 518\$20
<i>Provisões</i>		
Pagamento Direitos Alfandegários	622 000\$00	
Pagamento Imposto Defesa Valorização do Ultramar	1 000 000\$00	1 622 000\$00
<i>Situação Líquida</i>		
Capital — Inicial	6 000 000\$00	
Capital — Aumento	9 600 000\$00	15 600 000\$00
<i>Acumulada</i>		
Fundo de Reserva Legal	1 064 570\$30	
Reserva Especial	9 500 000\$00	10 564 570\$30
<i>Adquirida</i>		
Resultados do Exercício	13 341 351\$82	
Saldo do Exercício Anterior	33 677\$58	13 375 029\$40
<i>Contas de Ordem</i>		
Credores por Taras Alheias		2 202\$00
TOTAL PASSIVO E SITUAÇÃO LÍQUIDA		43 148 319\$90

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Francisco Baptista Russo — Presidente
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

DESENVOLVIMENTO DA CONTA «RESULTADOS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

DÉBITO

Mercadorias	1 157 079\$47	
Encargos com os órgãos sociais	944 192\$80	
Remunerações e outros encargos com o pessoal	8 108 573\$40	
Publicidade no País	87 512\$60	
<i>Propaganda no Estrangeiro</i>		
Artigo 14.º, n.º 5.º, do Decreto-Lei 48 912	275 980\$00	
Encargos fiscais e parafiscais	5 020 411\$50	
Donativos	136 435\$10	
<i>Subsídios a colectividades locais:</i>		
Cláusula 5.ª — Contrato concessão	100 000\$00	
<i>Subsídio a festas Verão:</i>		
Artigo 14.º, n.º 4.º, do Decreto-Lei 48 912	250 000\$00	
<i>Imposições legais:</i>		
Obras de equipamento e reequipamento (cláusula 4.ª — Contrato concessão)	184 718\$70	
Despesas Administrativas	418 464\$20	
Outras Despesas	5 099 183\$61	
		21 782 551\$18
Saldo:		
Do ano anterior	33 677\$58	
Do exercício	13 341 351\$82	13 375 029\$40
		35 157 580\$58

CRÉDITO

Saldo do ano anterior	33 677\$58	
Exploração Geral	35 123 903\$00	
		35 157 580\$58

O Conselho de Administração
Francisco Baptista Russo — Presidente
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

O Técnico de Contas
Manuel Couto Rodrigues da Silva

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Cumprindo os preceitos legais em vigor e as disposições estatutárias, vimos dar conhecimento a V. Exas. do nosso parecer sobre o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração relativo ao Exercício de 1973.

Pelo exame regular da escrita verificamos a cuidadosa organização dos registos contabilísticos e que o Balanço e Contas agora apresentadas e relativas ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1973 têm total concordância com os mesmos. Os critérios valorimétricos adoptados não sofreram alteração e correspondem à exacta avaliação do nosso património.

Assim temos a honra de propor:

- 1.º — Que aproveis o Balanço e Contas referentes ao Exercício de 1973.
- 2.º — Que ao saldo da conta Lucros e Perdas seja dada a aplicação proposta pelo Conselho de Administração.
- 3.º — Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela competência e dedicação manifestadas no desempenho das suas funções.

O CONSELHO FISCAL

O Presidente: *Joaquim Flores da Silva*
João Dionísio — Vogal
Maria Elisa Vaz de Sousa — Vogal

CHEFE DE EQUIPA

A CETAP pretende admitir um indivíduo do sexo masculino com obrigações militares cumpridas, tendo o curso industrial ou equivalente, para chefiar uma equipa de trabalho num sector novo da Firma.

A resposta deve ser enviada à CETAP — Apartado 60 — Espinho, indicando habilitações, idade, ordenado pretendido e firmas onde tenha trabalhado. — Guarda-se sigilo, sendo empregado

C E T A P — Apartado 60 — ESPINHO — Telef. 921226/7/8

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

MÓVEIS COUTO

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364
— ESPINHO —

VENDE-SE

Bairro de 5 moradias com 500 m² de quintal, em Sales nas traseiras da Fábrica «Corfi» denominação «Bairro do Chão». Preço de ocasião Informa Vidraria Ferreira

— Rua 18 n.º 675 — Telef. 920480 —

CORFI — Organizações Industriais Têxteis Manuel de Oliveira Violas, S. A. R. L.

SILVALDE — ESPINHO

RELATÓRIO DO EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

Senhores Accionistas:

Cumpra-nos o grato dever de apresentar à vossa consideração o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973, conforme determinado na Lei e previsto nos Estatutos.

Conforme já salientamos no Relatório do exercício anterior, desenhou-se um movimento especulativo com uma subida desregrada do custo da fibra do sisal, que veio causar as mais graves preocupações neste sector industrial.

Quando se esperava que tal movimento acabaria por sossobrar, dada a impossibilidade de fazer vingar os seus desígnios de perturbar ou arruinar a indústria de cordoaria europeia, como era a manifesta e confessada intenção dos países produtores, na intenção de obrigarem os grandes industriais do sector, a transferirem para lá as suas unidades industriais, surgiu um novo elemento internacional que veio agravar ainda mais a situação e fortalecer as intenções dos referidos países.

Na realidade, a viragem que se operou como consequência da guerra do Médio-Oriente, criando um regime de verdadeiro «suspense» na economia mundial, agiu de maneira favorável à tese preconizada pelos países produtores de fibras vegetais, incluindo a do sisal. Os Governos Árabes usaram pela primeira vez, a arma antes inexplorada do Petróleo, criando o problema mundial da crise energética, para a qual o mundo industrial não estava preparado. Tal arma foi posta à prova com a manifesta intenção de perturbar a economia ocidental e não há dúvida que foi poderosa e surtiu os seus efeitos, ameaçando mesmo a estabilidade da C. E. E.

O embargo do fornecimento de petróleo, abrindo a crise energética no mundo da indústria, provocou uma série de problemas e perturbações que veio reforçar a especulação do mercado das fibras vegetais e outras matérias primas base.

Assim, o movimento especulativo dos países produtores da fibra do sisal, a que se fez referência e que, quiçá, viria a sossobrar, face à concorrência que se lhe ia feita, de maneira implacável, pelas fibras sintéticas de polietileno e polipropileno, veio a ser altamente beneficiado do embargo petrolífero, que atingiu de maneira sensível a indústria petroquímica mundial.

Operando-se uma subida das cotações das fibras sintéticas, que deixaram de ter um tamanho poder concorrencial, para substituir imediata e definitivamente a fibra de sisal nos fios agrícolas, os produtores tiveram a possibilidade de manter e até fazer subir as suas cotações para aquela fibra.

A indústria portuguesa de cordoaria sofreu um grande impacto e, se é certo que a subida de cotações das próprias manufacturas constituiu, momentaneamente, uma espécie de defesa, num sector todo votado à exportação, onde os riscos são mais actuantes, também é certo, que os da sobrevivência são cada vez maiores.

De facto, a súbita valorização da fibra de sisal, veio estimular o interesse dos países produtores em se industrializarem para manufacturarem a sua própria fibra. Por outro lado, veio obrigar os industriais que a têm de importar e depois exportar as suas manufacturas, a agirem com muito cuidado na constituição dos seus estoques, porque a verificar-se uma política mundial de reajustamento de preços, logo que estabilizada a crise energética, a indústria de cordoaria de sisal que vive da exportação, como é a portuguesa, se tiver grandes estoques constituídos, sofrerá as mais graves consequências com uma súbita baixa de cotação, que venha a verificar-se por perderem de, imediato, o poder competitivo.

O resultado mais favorável que surgiu, de maneira acidental, nesta emergência para os industriais, em consequência da evolução económica que se operou no segundo semestre de 1973, não pode considerar-se uma valorização normal do sector, porque encerra contingências muito graves.

No seu ritmo normal, a indústria de cordoaria de sisal tem-se encaminhado para um enfraquecimento progressivo em virtude da evolução tecnológica de sucedâneos, que já teriam abreviado mais a sua recessão, a ponto de não poder sobreviver, como indústria exportadora, se não fossem os fenómenos imprevistos, a que se fez referência, que perturbaram o curso normal da evolução de novas técnicas de utilização de artigos de cordoaria na indústria, no comércio e na agricultura.

Somos por natureza arrojados, mas realistas e conscientes, nada nos deslumbrando resultados obtidos em situações anormais, emergentes de uma valorização súbita de estoques de matérias primas e existências de manufacturas, porque uma empresa tem de ser encarada na sua dimensão e responsabilidades adquiridas, que necessariamente se projectam no futuro, por só assim se justificarem.

Independentemente do resultado do exercício a que nos reportamos, devemos considerar que a situação do sector de cordoaria de sisal está em crise. As novas fibras sintéticas já ocuparam um substancial quinhão do mercado que lhes pertencia e a situação será irreversível.

Há-de continuar a recessão do mercado das manufacturas de sisal e, paralelamente, crescer o das fibras sintéticas, logo que as condições do mercado mundial se normalizem.

Continuamos a pensar seriamente na reconversão deste sector da nossa actividade industrial e aventamos, inclusive, a hipótese de uma fusão de empresas, se eventuais estudos a concretizar nos derem a garantia de mais amplos horizontes de sobrevivência.

A prova evidente de que temos a consciência da situação resulta da circunstância, por demais evidente, de que há anos a esta parte cessou no mundo a procura de novas instalações para manufacturar fibra de sisal, ao passo que é cada vez maior a procura de equipamentos para produzir fibras sintéticas. Verifica-se, até, que os próprios países produtores da fibra de sisal não se abalançam a adquirir novos equipamentos para a manufacturar, mas procuram, tão somente, recuperar instalações já usadas de menor custo, o que bem significa os receios quanto ao futuro do sector.

A F. A. O. lutou, inicialmente, com todo o interesse para estabelecer o equilíbrio entre a produção e o consumo, regulando as cotações mundiais da fibra. As reuniões periódicas entre produtores e consumidores permitiu, quando a situação do mercado era normal, fixar cotações mínimas aceitáveis para as duas partes. Se é certo que as cotações eram, indicativas, havia, por outro lado, uma honesta fixação de contingentes, anunciando todos os produtores, as suas disponibilidades para cada campanha e, com base nas disponibilidades declaradas com preços indicativos, tornava-se fácil programar a laboração e fazer estoques estratégicos para uma comercialização das manufacturas, com regularidade.

Entretanto, desde que a Tanzânia e o Brasil fizeram entre si uma espécie de pacto, pelo qual deixaram de libertar estoques, criando incerteza para obrigarem os industriais a deslocarem para lá as suas unidades industriais passando, o Brasil a sobrecarregar com direitos a fibra destinada ao estrangeiro e a conceder prémios de exportação às suas indústrias do sector, cedendo-lhe igualmente a fibra a preços inferiores aos da exportação, agravou-se a crise do sector.

Depois, como já se referiu, no relatório do exercício de 1972, verifica-se um verdadeiro divórcio entre os produtores dos Estados ultramarinos de Angola e Moçambique e a indústria metropolitana, por não ter sido definida até ao momento, a nível oficial, uma política económica para o sector.

Os produtores daqueles Estados Ultramarinos consideram a indústria metro-

politana no mesmo nível da indústria estrangeira, o que se compreende, por evidente falta de incentivos fiscais e aduaneiros, que os levam a interessarem-se pela preferência em comercializar com a Metrópole.

Confessamos, francamente, que não concordamos quiçá, por estarmos mal esclarecidos com a política económica adoptada no Espaço Económico Português. Se fosse incentivada a exportação de matérias primas base, para a indústria metropolitana, nomeadamente, da fibra de sisal, seria obtida uma excelente contribuição para o equilíbrio das respectivas balanças de pagamento. Além disso, sendo certo que os nossos Estados Ultramarinos não beneficiam de quaisquer vantagens aduaneiras nas exportações dos seus produtos manufacturados para os países da EFTA e da CEE, afigura-se de grande interesse uma colaboração que permitisse à indústria metropolitana reforçar o seu poder competitivo, para continuar a exportar as suas manufacturas para os diversos países europeus, tirando proveito dos acordos firmados.

Claro está, que não é possível obter-se uma tal colaboração, com o sacrifício dos produtores, mas seria fácil, se fosse adoptado um sistema idêntico ao do Brasil e outros países, que protegem as indústrias domésticas, tributando a fibra exportada para o estrangeiro e isentando a que é destinada às indústrias nacionais, concedendo, ainda, a estas, bonus de exportação.

Depois, quanto maiores fossem as importações da Metrópole, maiores seriam igualmente as possibilidades de exportação desta para aqueles Estados.

Isto significa, necessariamente, que a política económica do espaço português não funciona bem.

Da nossa parte, como os maiores consumidores metropolitanos de fibra de sisal temos colaborado e propomo-nos colaborar sempre em quaisquer medidas que tendam a fortalecer o intercâmbio comercial entre a Metrópole e os Estados Ultramarinos para o fortalecimento dos laços de união de todo o Espaço Económico Português.

Apesar de não termos tido a possibilidade de trabalhar a pleno rendimento em virtude das dificuldades surgidas na aquisição da matéria prima de que necessitaríamos e ainda porque uma parte dos tradicionais mercados de corda de sisal, deixaram de preferir os produtos portugueses dizíamos, apesar disso, a subida do custo das matérias primas, valorizando os nossos estoques, e das cotações internacionais das respectivas manufacturas, proporcionou-nos a valorização acidental do rendimento do exercício, o que nada nos deslumbra, por reconhecermos tratar-se de um regime transitório de incerteza e especulação mundial, que nada vem contribuir para a valorização do sector.

A realidade da situação devemos procurá-la não no lucro ilusório das cifras em numérico, que é efémero e de maneira nenhuma vem couraçar a estabilidade do sector, mas antes, na realidade da progressiva recessão do mercado que se evidencia, cada vez mais, numa menor utilização da capacidade industrial instalada; fenómeno que se vem acentuando progressivamente e que não afecta simplesmente a indústria portuguesa, mas toda a indústria europeia do sector onde predominava.

A Administração tem-se mantido atenta e tem procurado identificar o Governo com a situação do sector. Foram feitas diversas diligências junto do Ministério da Economia, sobretudo, junto da Secretaria de Estado do Comércio, no sentido de se procurar estabelecer uma melhor conjugação de esforços e colaboração entre a produção de fibra dos nossos Estados de Angola e Moçambique e o consumo metropolitano representado pelo sector industrial, nada se tendo ainda concretizado, apesar do bom acolhimento e boa vontade manifestada pelos respectivos Titulares.

Confiamos, entretanto, que algo virá ainda a ser feito no presente exercício de 1974 para fortalecer o intercâmbio comercial entre os Estados Ultramarinos produtores de fibra e os industriais metropolitanos.

POLÍTICA SOCIAL: — A Administração embora absorvida com os enormes problemas a que largamente se fez referência que tomam aspectos, por vezes, dramáticos, por terem dimensão de sobrevivência de todo o sector, com as inerentes responsabilidades económico-sociais, não deixou de se interessar pela situação dos seus colaboradores. Actualizaram-se os salários e ordenados, proporcionou-se a nível da empresa uma eficiente assistência médico-sanitária dirigida pelo médico de trabalho e lutou-se sempre com afinco por uma garantia efectiva de trabalho.

Continuou a ser dispensada a melhor colaboração às iniciativas desportivo-culturais do pessoal, concedendo-se-lhes todas as facilidades solicitadas e subsidiando-se dentro do possível e conveniente.

A Administração perante a gravidade da situação internacional do abastecimento de matérias primas e subsidiárias para uma normal laboração, teve tarefa muito árdua, por vezes esgotante, com constantes deslocações ao estrangeiro. Houve felizmente uma eficiente colaboração em todos os sectores o que contribuiu para o melhor êxito da nossa missão e para os resultados conseguidos.

Queremos salientar a dedicada colaboração que nos foi dispensada pelo Conselho Fiscal e pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral que sempre estiveram a nosso lado, nos momentos mais delicados, proporcionando-nos uma ajuda preciosa. Vai igualmente o nosso agradecimento para todos os colaboradores e funcionários da empresa pela sua dedicação, que tanto facilitou a nossa actividade.

RESULTADO DO EXERCÍCIO:

Como referimos e pelas razões enunciadas, o resultado do exercício, apesar do volume das exportações estar muito áquem das possibilidades potenciais da capacidade industrial instalada, melhorou substancialmente atingindo-se um lucro líquido de Esc. 7 066 784\$11.

Pelas razões apontadas e as perspectivas deste sector industrial, a Administração entende, como vem sendo hábito, que não se deve fazer qualquer distribuição de dividendos, dada a evidente necessidade de se pensar seriamente numa reconversão das reservas que nos permitam em qualquer emergência actuar de maneira decisiva em defesa da sobrevivência do sector. Assim ousamos propor a seguinte aplicação para o lucro líquido apurado:

Fundo de Reserva Legal	Esc.	419 331\$80
Reserva para Reinvestimentos	Esc.	6 600 000\$00
Saldo para o Exercício Seguinte	Esc.	47 452\$31
TOTAL	Esc.	7 066 784\$11

Silvalde — Espinho, 2 de Março de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel de Oliveira Violas
Rita Celeste Soares Violas
Augusto Leboque Alves da Silva

CORFI — Organizações Industriais Têxteis Manuel de Oliveira Violas, S.A.R.L.

SILVALDE - ESPINHO

EXPLORAÇÃO DA CANTINA

	Débito	Crédito
Consumo de víveres	230 528\$97	
Despesas diversas	1 587\$84	
Mão-de-obra	75 616\$10	
Encargos sociais	14 268\$20	
Amortizações	21 938\$00	
Conservações e reparações	3 526\$06	
Receita		234 748\$00
	347 465\$17	234 748\$00
Resultado da exploração		112 717\$17
	347 465\$17	347 465\$17

CORFI, 31-12-73

O Técnico de Contas
José Luís Rodrigues Augusto

EXPLORAÇÃO DAS OFICINAS AUXILIARES

	Débito	Crédito
Energia eléctrica	26 808\$50	
Mão de obra	3 967 445\$00	
Encargos sociais	698 282\$30	
Conservações e reparações	76 200\$86	
Consumo de electrogénio e autogénio	6 958\$30	
Ferramentas inutilizadas	55 686\$08	
Despesas diversas	202 135\$82	
Amortizações	179 166\$19	
Encargos imputados aos trabalhos efectuados		5 579 338\$60
Custo das construções vendidas	5 983 303\$85	
Vendas		5 970 146\$80
	11 195 986\$90	15 149 485\$40
Resultado da exploração	3 953 498\$50	
	15 149 485\$40	15 149 485\$40

CORFI, 31-12-73

O Técnico de Contas
José Luís Rodrigues Augusto

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Conforme determina a Lei e os Estatutos este Conselho reuniu trimestralmente e seguiu de perto a gestão da empresa, como lhe competia para se responsabilizar perante os accionistas e a Lei.

Recebeu sempre a melhor colaboração quer da Administração quer do Técnico de Contas o que lhe permitiu verificar que a Contabilidade está organizada conforme as disposições legais aplicáveis e devidamente regularizada e documentada.

Verificou ainda que os critérios valorimétricos adoptados foram reajustados aos princípios orientadores preconizados pela Direcção Geral de Contribuições e Impostos em seguimento à inspecção que foi feita à Contabilidade da Empresa. Assim quanto às matérias primas a valorimetria foi calculada com base no preço médio de aquisição (em armazém). Quanto aos Produtos Fabricados seguiu-se o custo médio industrial.

E tendo concluído que o Relatório da Administração, Balanço e Contas traduzem com clareza e fidelidade a evolução dos negócios sociais e a situação patrimonial no final do exercício e satisfazem ainda os preceitos legais e estatutários, deliberou emitir o seguinte parecer:

- 1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas do exercício findo em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e três;
- 2.º — Que aproveis a proposta do Conselho de Administração referente ao destino do lucro líquido apurado;
- 3.º — Que aproveis um voto de muito merecido louvor ao Conselho de Administração e todos os seus colaboradores pelo grande zelo e competência.

Silvalde — Espinho, 12 de Março de 1974.

O CONSELHO FISCAL

Bento Coelho da Rocha
Mário Valente Leal
Francisco João Gomes de Castro
Francisco Joaquim Pais

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração

Armando Alves Ribeiro

Desenhador - Pintor de Arte

Rua 18 n.º 943 — ESPINHO — Telefone 921412

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil - Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas - Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

**TELEFONE
9216822**

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Aos sábados à noite — **Jantar Dançante**
Aos domingos — **Matinée**
Com o conjunto — **TONI SAMPAIO**
Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 de Abril

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Alves & Ferreira, L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

Centro de Enfermagem de Espinho

Aberto das 8 às 13 e das 14 às 21 horas
Dispondo de competente serviço de enfermagem, oxigénio, camas articuladas, aspiradores, etc. ● Ambulância c/oxigénio para transporte de doentes.

Rua 16 n.º 868
Tel. 921587 (das 8 às 13 e das 14 às 21 h.)
Tel. de urgência 922329 (das 21 às 8 h.)
ESPINHO

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE



GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

FÁBRICA

HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

**INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA**

**MATÉRIAS
PLÁSTICAS**

(Injecção — Compressão — Extorsão
Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **HERCULES**

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

**GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE**

PLACARD

FUTEBOL

Após a 31.ª jornada a contar para o «Troféu do Melhor Público Desportivo», da F. P. F., o SCE caminha em 3.º lugar, com 15,63 na 2.ª Divisão. O União de Leiria commanda com 16,22 p. e o Atlético segue-o com 15,97 p.

Na «Taça Disciplina» do «Mundo Desportivo», e depois da contagem da semana transacta, após o castigo de 5 jogos a Djalma, o SCE desceu espectacularmente para 12.º lugar com 27 p. (1.º União de Coimbra, 17 p.)

Terminou o «distrital» de Aveiro, da 1.ª divisão, torneio vencido pelo Águeda com 76 p. em 30 j. A turma espinhense do G. D. Corfi/Cotesi, treinada pelo conhecido Alcobia, e que, inicialmente, era cotada como uma das equipas com pretensões, dado até os reforços adquiridos, acabou a prova na 4.ª posição, com 65 p., não conseguindo ainda desta feita a desejada subida, apesar do mérito da classificação entre 16 concorrentes.

No último jogo os fabris foram empatar com o Cortegaça por 2-2, alinhando: Rocha; Alexandre, Nélinho, Fonseca e Serafim; Juca (2), Ribeiro e Louro; Bessa, Sampaio e Ferreira.

GINÁSTICA

Realizou-se recentemente em Algés um torneio de Ginástica Desportiva Feminina, entre equipas de diversas categorias da AAE e do Sport Algés e Dafundo, tendo as turmas espinhenses apresentado 13 ginastas, dirigidas pela sua professora Alda Corte-Real, cujo labor continua a ser de realçar e a produzir bons frutos como a possibilidade de uma desportiva continuidade.

Neste V Torneio de Ginástica Desportiva do SAD, as moças espinhenses obtiveram as classificações seguintes:

PRÉ-INFANTIS — INDIVIDUAL

- 1.ª Dulce — 34,40 p.
- 2.ª Helena Gomes — 32,30 p.
- 3.ª Ana Pinheiro — 31,10 p.
- 4.ª Ana Prata — 30,75 p.

Concorreram 10 ginastas.

EQUIPAS

- 1.ª AAE — 129,05 p.
- 2.ª SAD — 109,20 p.

INFANTIS — INDIVIDUAL

- 2.ª Teresa Ribeiro — 32,30 p.
- 3.ª Ana Fidalgo — 31,00 p.
- 4.ª Ana Figueiredo — 28,00 p.
- 5.ª Wanda — 27,20 p.
- 7.ª Ana Paula — 25,60 p.

Concorreram 8 ginastas.

EQUIPAS

- 1.ª AAE — 63,30 p.
- 2.ª SAD — 60,30 p.

INICIADAS — INDIVIDUAIS

- 4.ª Ana Baptista — 31,70 p.

Concorreram 6 ginastas

EQUIPAS

- 1.ª SAD — 35,00 p.
- 2.ª AAE — 31,70 p.

JUVENIS — INDIVIDUAIS

- 2.ª Cristina Marques — 33,10 p.
- 5.ª Dalila — 28,60 p.
- 6.ª Manuela Gomes — 28,00 p.

Concorreram 7 ginastas

EQUIPAS

- 1.ª SAD — 92,95 p.
- 2.ª AAE — 89,70 p.

COM LICENÇA

Ainda o «Nacional» de Ginástica em Iniciados

O certamente foi recentemente em Espinho no Pavilhão «Arqt.º Jerónimo Reis», como noticiamos. A Académica de Espinho, anfitriã, apresentou-se como concorrente, contudo apenas na parte feminina.

Como se sabe, o Clube espinhense tem dispensado, de há anos a esta parte, particular carinho à causa da educação física. E, mais, dentro dos crónicos e conhecidos condicionalismos existentes, pode afirmar-se, em abono da verdade, que fez uma bellissima obra naquele campo.

Ora, a AAE concorreu, mas não apresentou equipa masculina. E o Clube, neste sector, estava a trabalhar muito bem. Muito bem, até à desercção do prof. Virgílio Dias — agora no Futebol Clube do Porto a fazer aquilo que, de bom, iniciara e prometera à AAE. Depois, não houve a adequada substituição e o sector masculino caiu nítida e perigosamente. Os responsáveis ou não se aperceberam, ou confiaram que a — excelente — boa vontade de alguns ginastas mais velhos, resolveria todos os problemas.

Tal não aconteceu e esta época a AAE tem primado pela ausência nos certames mais importantes da ginástica. Coisa que, anteriormente, não vinha acontecendo. Bem pelo contrário.

Mas, para além da não comparência nos certames — valioso incentivo para os ginastas — é de temer, sobremaneira, pela quebra nítida na linha ascensional de trabalho que se vinha verificando no referido sector masculino.

E, repare-se, por exemplo, esta falha da presença de iniciados nos «nacionais» é significativa. Trata-se duma classe de grande preponderância no futuro. Os iniciados — dos 12 aos 14 — são a base de toda a ginástica desportiva do Clube. Os iniciados, precisam, precisamente e desde logo, duma habituação às competições.

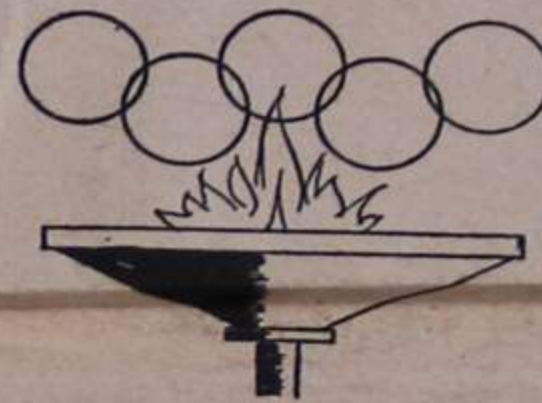
A AAE não esteve presente com os moços. Todavia, assinala-se, fez-se representar pelas moças da mesma categoria, produto de um trabalho de continuidade, e bem estruturado, da prof.ª Alda Corte-Real. A AAE não esteve com os moços, mas devia ter estado. Isso mostra que o labor no sector prosseguia progressivo, natural.

Mas, infelizmente, não prossegue. Decaiu muito e pode ter — se já não tem — reflexos negativos no futuro. Os dirigentes têm de estar alerta e encontrarem as soluções precisas. Mesmo que se compreenda — e nós compreendemos, podem crer — as dificuldades existentes. Porém, têm de tentar, de todas as formas, encontrar os caminhos adequados. Outros o fizeram anteriormente, quando tudo era mais difícil talvez.

E a obra surgiu. Cresceu e ia em franco progresso. Deixá-la estagnar, deixá-la retroceder, parece-nos um péssimo serviço prestado à juventude espinhense, à causa da ginástica portuguesa, à AAE.

C. S.

DESPORTO



PÁGINA SEMANAL ORIENTADA POR CARLOS SARRIA

FUTEBOL

«NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO»

EQUIPA CERTA E UNIDA, NÃO SERÁ FACILMENTE VENCIDA SP. DE ESPINHO, 5 — TIRSENSE, 1 (ao intervalo: 1-1)

Nada a opor. Ninguém acreditava, mas aconteceu. O difícil tornou-se fácil. Como? Com um futebol objectivo e realista. Num terreno enlameado e dificultoso. E os «tigres» jogaram. Com muito mérito para o «três» do meio-campo. Jogaram, atacaram, produziram. Não concretizaram na primeira metade. E uma fífia da defesa — com ela o empate — quase podia complicar, mas...

No recomeço, os locais vieram demolidores. Aquele primeiro quarto de hora, arrasou o adversário. Pertinácia, velocidade, ritmo, simplicidade... objectividade e realismo. O Tirsense, não pôde, apesar dos seus ultra-cuidados defensivos. Os locais, que se exibiram positivamente, foram irresistíveis nesse período. Aliás, sempre, estiveram fartos furos acima do seu cotado adversário. Em todos os capítulos. E, duma maneira geral, não houve quebras físicas. Nem quebra notória na linha positiva de produtividade futebolística. Somente um afrouxamento natural, depois de construído o resultado.

Apetece acrescentar que o Sporting de Espinho, quando *equipa certa e unida, não será facilmente vencida!* Um bom indício para o futuro, nesta altura crucial, todavia há que vencer as frustrações do jogar fora. Quando não... pode não se atingir a meta esperada.

Saliências individuais? Vão inteirinhas para o «três» do meio campo. Embora outros tenham tido, também, trabalho bem positivo.

O encontro realizou-se num «Avenida», enlameado, num dia de chuva... sem chover, com assistência a guarnecer bem, dirigido por Francisco Lobo, auxiliado por João Esteves e Valdemar Nogueira, de Setúbal.

Alinharam:

SP. ESPINHO: Luz; A. Augusto, Simplício, Gonçalves (cap.) (Pinto Ribeiro, aos 77 m.) e Gabriel; Meireles, A. Jorge, aos 69 m.) Júlio e F. Costa; Augusto, Telé e Malagueta;

SUPLENTES também: Aníbal, Gomes e Teixeira.

GOLOS: 1-0, aos 23 m.: centra Telé, palmada de Pedro a cortar, recarga fulminante de F. COSTA; 1-1, aos 44 m.: fífia da defesa local e Sérulo agradece e não perdoa a baliza aberta; 2-1, aos 53 m.: derrube a Malagueta, «penalty» assinalado e A. AUGUSTO converte; 3-1, aos 57 m.: fintas sucessivas de Júlio, centro a bater todos e TELÉ só empurra; 4-1, aos 59 m.: livre por Malagueta, Augusto desvia de cabeça e JÚLIO, em queda, remata segado; 5-1, aos 70 m.: TELÉ isola-se no meio campo Tirsense, finta Pedro e concretiza habilidosamente de ângulo difícil.

O árbitro? Com o senão de não reprimir melhor alguns excessos. De resto... Bom, o pretenso «penalty» sobre Telé (1.ª parte) só existiu na paixão cega do público. Existiu sim (e ele fez de conta) uma cotovelada propositada (na bola) de um defensor visitante, na área. Depois o «penalty» sobre Malagueta que, muitos, considerarão como compensação.

C. S.

PLACARD

GOLFE

Disputaram-se as taças «Dochery» e «Skeffington» nos «greens» de Silvalde, do Oport Golf Club, ambas vencidas por Ricardo Soares. A primeira prova era de singulares homens, contra «bogey», tendo sido vencida com 1 «upp». A segunda, disputada por pancadas com abono (máximo 18), foi vencida com 62 «netts».

Na «Taça Kendall», em singulares homens, por pancadas com abono, em 36 buracos, ficou em 1.º Dr. Jorge Soares, com 144 pancadas.

VOLEIBOL

Vitória fora do SCE sobre o Desportivo da Póvoa por 3-1, para o «nacional» primodivisionário.

Jogaram: Rolando, Tomás, F. Correia, L. Correia, Teixeira, Resende e Padrão.

No da 2.ª Divisão, a AAE foi bater o Carvalhos por 3-2.

Alinharam: Santos, Domingues, Matos, Nogueira, Luís e Figueiredo.

Para o «nacional» feminino da 3.ª divisão, triunfo da AAE sobre a Académica de S. Mamede, por 3-0.

Alinharam: Fátima, Estela, Filomena, Fernanda, Amélia, Dina, Cristina, Palmira, Lurdes e Natália.

Ainda para o «nacional», mas de juvenis, a AAE registou cá duas derrotas, ambas por 3-1, contra a Escola Veiga Beirão e Benfica.

Jogaram: Serrano, Paupério, Reis, Fausto, Pinto, Aragão, Jorge, Maltês, Lacerda, Rogério, Iglésias e Barra.

No Torneio Encerramento da A. V. do Porto, para juvenis, a AAE perdeu por falta de comparência contra o Milheirós da Maia (lá).

Para idêntico torneio, mas feminino, o Desportivo da Póvoa recebeu e bateu o SCE por 3-1.

No certame nortenho de «veteranos», o SCE alinhando com Valter, Vladimiro, Padrão, Capela, Mário Sá, Amadeu, J. Teixeira, bateu o Leixões por 3-1 (15-7; 14-16; 17-15; 16-14), numa partida dirigida pelo antigo árbitro Acácio Gonçalves e durante a qual os antigos e prestigiados jogadores de ambas as equipas desataparam o frasquinho da essência do voleibol dos bons velhos tempos, deixando no ar o perfume do bem jogar.

HOQUEI EM PATINS

Na 2.ª jornada do «metropolitano» da 2.ª divisão (fase nortenha), a AAE (seniores) derrotou a Educação Física por 15-0.

Na 3.ª jornada do mesmo torneio, a AAE bateu o Águias do Porto por 5-4.

Para o «regional» de juvenis, a AAE foi perder com o Académico do Porto (B) por 8-7.

HOQUEI EM CAMPO

O árbitro espinhense Alfredo Dias Cruz, antigo praticante da AAE, apitou diversos encontros no recente Campeonato da Europa da modalidade, realizado na vizinha Espanha.

GAZETILHA

Partidos «À Balda», Não!

Anuncia-se que estão
Cinquenta e quatro partidos em formação!
Verdadeira corrida de partidos,
Em gíria desportiva, divididos:
Classes de fortes, de médios e de fracos...
Chamo, a tal fragmentação,
Loiça política... em cacos.
Vejam bem que, num momento
Se ultrapassa o meio cento!
Que salto, a partir do zero!
Partido em tanto partido,
Como haverá povo unido?
Ninguém vá pensar que eu quero
A supressão dos partidos,
Mas, se forem constituídos
Mais de dez, serão demais.
Meia dúzia, até, chegava
E sobrava.

Quanto menos forem, mais
Seremos um povo unido
Na vontade permanente
De nunca mais ser vencido.
É necessário que a gente
Não caia na confusão;
Que, por ideário diferente
Não se fuja, como é evidente,
Da necessária coesão;
Do esforço perene e vivo
Que garante a liberdade,
Que gera a fraternidade —
Principal objectivo

Desta rara e feliz Revolução,
Que sumiu traças de caminhos velhos
Sob altas vagas de cravos vermelhos!
— Amigos, não quero vê-los
Fazer partidos brotar,
À laia de cogumelos,
Cada um a reivindicar
Pomposo nome para ostentar...
Olhem que coisa «pirrónica»:
Pra todos enumerar,
Só uma lista telefónica!
Digamos «Não»!
A risível situação...
Amigos, vamos pensar:
Os partidos vão entrar
Em campo. Soou o apito:
Apenas deve alinhar
A «selecção»...
E tenho dito!

Alberto Barbosa (BEKA)

RASCUNHOS

No seu estudo «O JORNALISMO», Philippe Gaillard afirma: «A simplicidade é a característica dominante do estilo jornalístico. Todos os artigos devem estar ao alcance mesmo dos leitores menos cultos. E ainda que o jornal se dirija a um público cujo nível intelectual é superior ao médio, torna-se necessário não esquecer que a leitura é feita em momentos de lazer e que não deve exigir qualquer esforço. A simplicidade é, sem dúvida, a qualidade de estilo mais difícil de conquistar».

Estando longíssimo de ser jornalista, não passando de um vulgar escrevinhador e «exclusivo» deste semanário provinciano, tem sido minha preocupação ser compreensível a toda a gente. E de tal modo isso me impressiona que vivo na sensação de nunca o conseguir mau grado todos os esforços que faço. Procuro conseguir um estilo leve, acessível, sem palavras rebuscadas mas antes comuns, sem raciocínios confusos mas antes claros, busca que não cessarei enquanto mantiver o intuito de fazer estes «Rascunhos».

Por experiência própria sei que é imensamente mais fácil escrever um artigo grande que um pequeno. E que tremendamente difícil é em meia dúzia de palavras dizer um mundo de coisas. Das minhas dificuldades em consegui-lo vem

a admiração extraordinária que nutro por alguns escritores e, sobretudo, por jornalistas combativos que fizeram prodígios de contorcionismo de circo para tornear os obstáculos que a Censura lhes punha no caminho.

Recordo, especialmente, o modo como, na «República», Vitor Direito conseguia, em meia dúzia de linhas impressas, fazer-me ver um montão de coisas que ficava nas entrelinhas. Essas entrelinhas que os leitores portugueses tiveram que buscar cuidadosamente na imprensa portuguesa de antes 25-de-Abril. Quando do levantamento das Caldas percorri desconsoladamente as páginas da «República», até ir encontrar a referência habilidosa e irónica onde menos seria de esperá-la: na página desportiva, a abrir a notícia do Sporting-Porto.

Como era difícil a tarefa do jornalista e como é compreensível a afirmação de Baptista Bastos, na primeira mesa-redonda livre da RTP, de que a partir de agora precisava de aprender de novo a escrever! E como vai ser difícil aos leitores atentos ler, de ora em diante, as manchas negras e não os espaços brancos onde ficava o que não podia escrever-se!

C. P. M.

XADREZ POLÍTICO

Inegavelmente o Movimento das Forças Armadas tem sido referendado, desde o dia 25 de Abril passado, pela população e obteve também a adesão da C. D. E., Partido Socialista e Partido Comunista, entre tantas outras adesões (até dos vira-casacas!) de pessoas e instituições. Há núcleos que não manifestam tais adesões porque entendem que as pétalas do 25 de Abril são para a burguesia e os espinhos para o povo.

A Junta de Salvação Nacional, a quem o Movimento das Forças Armadas confiou a difícil tarefa de avançar nos propósitos revolucionários, tem sido incansável nos seus trabalhos. É preciso desmontar o regime fascista e imprimir à vida portuguesa um estilo democrático.

Para já, aguarda-se com expectativa a constituição do Governo Provisório. Entretanto, a maioria das organizações políticas manifestam-se mais preocupadas na unidade entre si e no apoio à Junta de Salvação Nacional do que na demarcação dos objectivos de cada uma, objectivos naturalmente diferentes e que, mais tarde, virão à superfície.

ASSUSTADOS UNS E AUDAZES OUTROS

Para já, há muitas outras que impressionam, entre elas, avulta o facto de não aparecerem a terreiro os defensores do sistema político vigente de 28 de Maio de 1926 a 25 de Abril de 1974. Os sequazes do Estado Novo, que, por natureza e objectivos, foi sempre velho, os seguidores incondicionais do fascismo paternalista (salazarismo), parece que estão mais interessados, talvez em pânico, na defesa dos interesses próprios do que na defesa do sistema político. Curiosamente, o regime nascido em 1926 teve sempre opositores que não desarmaram, quer na clandestinidade, e no exílio, quer como vítimas da opressão e da repressão.

Mais recentemente, o salazarismo sem Salazar, o caetanismo, que fracassou tanto na evolução como na continuidade, desagrudou a gregos e troianos. Teve, porém, um mérito: não desgastou, apesar da ditadura férrea, a oposição ao regime que já vinha dos tempos de Salazar.

Há quem se interrogue: Passaremos, agora, do Salazarismo ao Spínolismo? As promessas de liberdades democráticas traduzir-se-ão efectivamente na vida de todos nós, ou, como quem põe remendos novos em panos velhos, teremos de nos contentar com algumas reformas, apenas (reformas liberais e abertas, sim, mas meras reformas)?

As direitas, depois do 25 de Abril último, parecem encadeadas no seu arcaísmo, e assustadas; até alarmadas, sobretudo por terem testemunhado o entusiasmo de um povo que, mesmo apoliticado, embora civicamente adulto, saiu para a rua cheio de alegria, provando indubitavelmente que as liberdades são possíveis e que a opressão não pode durar sempre.

As forças e organizações da oposição

até então clandestinas por imposição, preocupadas, para já, mais com a unidade de intenções e apoio à Junta de Salvação Nacional e sua representação no Governo Provisório, do que em definir posições e confrontar-se entre si, não deixam, no entanto, de provar que é preciso contar com elas (C. D. E., Partido Comunista Português — P. C. P., e Partido Socialista Português — P. S. P.), além de outras forças e organizações.

É importante não esquecer outras forças da esquerda que acusam a C. D. E., o P. C. P. e P. S. P. de reformismo e de revisionismo e que não alinham com os acontecimentos de 25 de Abril porque entendem que tais factos ofereceram as pétalas à burguesia e os espinhos ao povo. Quer dizer: há forças da esquerda que não alinham no pacto social de outras esquerdas, mesmo face ao momento actual, porque entendem que tais factos não são revolucionários.

Parece mais do que prioritário que, por agora, a Junta de Salvação Nacional e, a seguir o Governo Provisório (corremos o risco da actualidade nos ultrapassar porque à hora de escrevermos falava-se em nomes para o Governo, mas ainda sem carácter oficial) se ocupem em estabelecer o equilíbrio económico do País e assentem em todos os sectores as bases da democracia.

Da democracia faz parte, naturalmente, a liberdade reconhecida aos partidos. Não será de estranhar que as futuras eleições contem com a concorrência de múltiplos partidos, desde a esquerda revolucionária, até ao fascismo, como aconteceu nas eleições francesas para a presidência da República, no dia 5.p.p. Isso será desejável, e talvez inevitável, para que surja o maior número de eleitores e candidatos à Assembleia Constituinte que virá a encarregar-se da Constituição futura. A promessa de eleições gerais dentro de um ano é discutível. O espaço, para uns, é demasiado e, outros, consideram-no prematuro. Entretanto, estará em jogo o Presidente da República (Spínola) e o Governo Provisório. Teremos um presidencialismo para ler os responsos do regime anterior e ensinar o futuro.

O que é preciso é que, entretanto, saiam todos da angústia social em que vivíamos e do terror que nos inibia politicamente.

É preciso também romper as cadeias da nossa pobreza económica e, pelo menos, «repensar a guerra» em que estamos envolvidos e enlameados. Oxalá o fascismo esteja mesmo sepultado.

Para o futuro de Portugal, está a movimentar-se o xadrez político.

Neste número, dada a complexidade do xadrez político, entendemos ser prematuro falar das correntes ainda tão nebulosas e, por isso, guardamos que tais posições se esclareçam, para podermos falar delas com a objectividade possível.

R. O.

(in «VOZ PORTUGALENSE»)

CASA LUCIANA — Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Camara Municipal de Espinho

Rua - 19

ESPINHO